

RECITAL COMENTADO
COMENTÁRIOS DO COMPOSITOR RONALDO MIRANDA
III Festival de Música Contemporânea Brasileira
2016

Recital Comentado - Unicamp - 17/03/2016

Ronaldo Miranda

Minha produção como compositor pode ser dividida em quatro fases. A primeira - que é caracterizada por uma linguagem tonal ou modal, com alguns elementos de brasilidade - vai até o ano de 1977. Inclui minha produção como estudante de Composição, que tem obras como as três Suites para piano (das quais só considero em catálogo a terceira, editada por Irmãos Vitale), várias canções (para voz e piano) e um singelo quarteto de madeiras, intitulado Prelúdio e Fuga para quarteto de sopros.

Vem em seguida o período livremente atonal, que vai da segunda metade de 1977 até 1983 inclusive. Essa fase foi inaugurada com Trajetória, minha primeira obra a receber uma execução profissional. Composta sobre um texto de Orlando Codá, Trajetória tem três movimentos e – em linguagem livremente atonal – revela alguns procedimentos aleatórios e intervenções vocais dos instrumentistas no seu terceiro movimento, práticas usuais nas décadas de 1960 e 1970. A obra foi premiada em 1º lugar na categoria de música de câmara, no Concurso de Composição para a II Bienal de Música Brasileira Contemporânea da Sala Cecília Meireles. Foi estreada por Maria Lúcia Godoy ao lado de um pequeno conjunto de grandes músicos : o pianista Miguel Proença, o flautista Norton Morozowicz, o clarinetista Paulo Sérgio Santos, o violoncelista Jacques Morelenbaum e o percussionista Joe Lizama. O regente foi o maestro John Neschling.

Depois dessa estréia oficial como compositor, minhas peças passaram a ser tocadas com maior assiduidade. Encomendas apareceram e novos concursos me contemplaram em sua premiação, gerando gravações e edições das obras premiadas. Fazem parte desse período livremente atonal as peças Recitativo, Variações e Fuga (para violino e piano), Prólogo, Discurso e Reflexão (para piano solo), Imagens (para clarineta e percussão), Lúdica I (para clarineta solo), Oriens III (para trio de flautas), Toccata (para piano solo), Variações Sinfônicas (para orquestra) e um longo Concerto para Piano e Orquestra, escrito para a OSESP e Eleazar de Carvalho, no ano de 1983.

Ao início de 1984, começa minha fase neo-tonal com a Fantasia (para saxofone alto e piano), composta para Paulo Moura e Clara Sverner tocarem ao lado de Olívia

RECITAL COMENTADO
COMENTÁRIOS DO COMPOSITOR RONALDO MIRANDA
III Festival de Música Contemporânea Brasileira
2016

Byington e Turíbio Santos, num espetáculo intitulado “Encontros”. Tratava-se na verdade de um show que misturava música erudita e música popular, realizado na Sala Cecília Meireles, que obteve enorme sucesso de público e gerou um CD gravado ao vivo com o mesmo nome. Seguiram-se Estrela Brilhante (para piano solo), o Concertino para Piano e Orquestra de Cordas, o quinteto de sopros Variações Sérias (sobre um tema de Anacleto de Medeiros) e muitas outras obras. Em 1997, com o trio Alternâncias – para piano, violino e violoncelo – comecei a misturar as linguagens e aí começa uma fase eclética que prossegue até o momento atual, incluindo inúmeras obras, como a Sinfonia 2000, o Concerto para Violino e Orquestra, o quarteto de cordas Texturas, o quarteto de saxofones Mobile e inúmeras outras peças sinfônicas e camerísticas.

É preciso ressaltar, contudo, que os períodos ou fases da minha produção musical não são estanques e rígidos. As linguagens se interpenetram e as exceções existem. No período atonal, por exemplo, compus obras corais de sabor neo-tonal – tais como Noite, sobre versos de Cecília Meireles, e Belo Belo, sobre poema de Manuel Bandeira, ambas no ano de 1978 – além da cantata Terras de Manirema, em 1981, novamente sobre um texto de Orlando Codá, peça cuja linguagem flutua em várias atmosferas, mas se situa predominantemente no neo-tonalismo. O mesmo ocorre em relação à ópera Dom Casmurro, novamente com texto de Codá, obra que ultrapassa duas horas de duração em três atos, numa partitura orquestral que chega a mil páginas.

Já em pleno período neo-tonal, em 1986, escrevi a obra Três Momentos para Violoncelo Solo em linguagem livremente atonal. Apenas o primeiro movimento, Elegia, tem um ligeiro perfil melódico que sugere, ao final, com muita sutileza, a tonalidade subjacente de mi menor. Os demais movimentos – Entreato e Jogo – situam-se em completo universo atonal, com diferentes texturas. Os Três Momentos para Violoncelo Solo têm título e subtítulos bilíngues: Trois Moments pour violoncelle seul; Elegie, Entracte, Jeu. Usei o francês pois compus essa peça para concorrer especialmente ao Concurso Internacional de Composição de Budapeste, imaginando que sensibilizaria com esse recurso um júri totalmente europeu. Também os procedimentos atonais e contemporâneos da escrita foram importantes para o objetivo final. Fui contemplado com o terceiro prêmio da competição, que consistiu na edição da partitura pela Editio Musica Budapest, prêmio em dinheiro e estréia da peça no Festival de Primavera da capital húngara, no ano de 1987. Não houve segundo lugar e o primeiro prêmio foi outorgado ao

RECITAL COMENTADO
COMENTÁRIOS DO COMPOSITOR RONALDO MIRANDA
III Festival de Música Contemporânea Brasileira
2016

compositor russo Oleg Kotskoscic. Participaram do certame cerca de 600 candidatos, de diversas nacionalidades.

A peça Cal Vima – para voz, piano e violoncelo - foi escrita em 1998, logo ao início do período eclético. O texto é de Gerardo Vilaseca, amigo de muitos anos, o espanhol mais brasileiro que conheço. O título da obra está escrito em catalão e significa Casa de Vima. No entanto, todo o texto é em espanhol e descreve a casa de seus avós paternos, com lembranças da infância e fortes imagens que se referem ao frio, à natureza local e a sonhos paradisíacos com terras distantes, que significam o continente americano. Piano e violoncelo envolvem a voz da meio-soprano solista. Os procedimentos da escrita pianística eventualmente recriam a sonoridade da guitarra espanhola.

Moderato Cantabile, para violino e piano, é uma obra de 4 minutos, escrita em 2001 para a violinista Mariuccia Iacovino, que comemorou em 2002 seus 90 anos de existência. Situada na fase eclética, a peça desfila um perfil melódico-harmônico totalmente neo-tonal numa pequena forma ternária. É simples de entender, mas difícil de tocar, pois cabe ao violino solista uma engenhosa angulosidade dos traços melódicos em suas diversas alturas. A própria Mariuccia Iacovino estreou a peça no ano de 2004, aos 92 anos, em colaboração com a pianista Maria Luiza Corker.

Festspielmusik, para dois pianos e percussão, foi composta em 2003, quando fui compositor residente na Casa de Brahms em Baden Baden. A obra usa a formação instrumental tradicionalmente consagrada pela Sonata de Bartók, com uma linguagem bem representativa da minha fase eclética, onde se alternam livre atonalismo, minimalismo e neo-romantismo. A utilização, como referência, de citações de obras de Brahms era uma exigência da Brahms Gesellschaft de Baden Baden e, assim sendo, vários temas brahmsianos aparecem no decorrer da peça. Entre as obras citadas, estão o Segundo Concerto para Piano; as Sinfonias 1, 2 e 4; e o Intermezzo Op. 118 nº 2. Os quatro movimentos de Festspielmusik tem sub-títulos em italiano : Energico e deciso; Com Aspettativa; Intermezzo e Finale.

Na tradução ao pé da letra, Festspielmusik significa “Música para ser tocada em Festival”. Na verdade, o título homenageia a cidade de Baden Baden e sua magnífica Festspielhaus, gigantesca sala de concertos que abriga com frequência a Filarmônica de Berlim, entre outras grandes atrações.

Ronaldo Miranda, março de 2003